

## CONSULTAS TÉCNICAS

P. - As séries monográficas põem-nos perante a possibilidade de dois tipos de tratamento técnico: ou como publicação periódica ou como monografia.

No caso, talvez o mais corrente, de se optar pelo tratamento monográfico como salvaguardar, no interesse do utilizador, o elemento série?

R. - Ao optarmos numa série monográfica pelo seu tratamento como monografia, colocaremos na zona relativa à colecção o título da série e respectivo número. Este título registrar-se-á igualmente em pista e será, pois, objecto de uma entrada secundária.

Assim, por exemplo:

CHAUMIER, Jacques

Les techniques documentaires / par Jacques Chaumier.-Paris: Presses Universitaires de France, 1971. - 126 p.: il.; 18cm. - (Que sais-je?; 1419)

I - Série

QUE SAIS-JE?; 1419

CHAUMIER, Jacques

Les techniques documentaires / par Jacques Chaumier.-Pa  
ris: Presses Universitaires de France, 1971.- 126 p. :  
il.; 18cm. - (Que sais-je?; 1419)

I - Série

JANSON, Tore

Prose rhythm in medieval latin from the 9th to the 13th  
century / by Tore Janson.- Stockolm: Almqvist & Wiksell  
International, 1975.- 133 p.; 25cm.- (Acta Universita-  
tis Stockolmiensis; 20)

I - Série

ACTA UNIVERSITATIS STOCKOLMIENSIS; 20

JANSON, Tore

Prose rhythm in medieval latin from the 9th to the 13th  
century / by Tore Janson. -Stockolm:Almqvist & Wiksell  
International, 1975. - 133 p.; 25cm.- (Acta Universi-  
tatis Stockolmiensis; 20)

I - Série

São estas entradas secundárias que, colocadas num ficheiro à parte, ordenadas alfabeticamente pelo título da série e dentro de cada título pelo seu número de ordem, permitirão o acesso à série no seu conjunto, constituindo também, mais, uma forma de recuperação do documento.

Utilizando a reprodução mecânica, este conjunto de entradas torna-se de elaboração mais fácil e prática do que a tradicional ficha de série que, "concentrando embora numa ficha toda a informação, dá um número muito limitado de dados e obriga a retirar constantemente a ficha do catálogo, sempre que é necessário juntar um volume, e também a refazê-la quando os volumes não entram pela sua ordem numérica ou alfabética". (1)

É evidente que numa biblioteca onde tal tratamento se não justifique, a série monográfica será catalogada apenas como série, ficando a sua entrada incluída no catálogo das publicações em série.

Paula Maria Fernandes Martins

(1) - PENNA, Carlos Victor - *Catalogación y clasificación de libros*, 2.<sup>a</sup> ed. corr. y ampl. Buenos Aires, Editorial Kapelusz, 1964, p. 246

- A introdução, num catálogo, de entradas analíticas provenientes do respigo de jornais e revistas que se faz recorrendo à NP-405 - Referências bibliográficas. Elementos essenciais - começa agora, com a aplicação da Descrição Bibliográfica Internacional Normalizada, a levantar problemas de uniformidade e, portanto, a suscitar uma adaptação segundo as normas preconizadas pela ISBD.

As perguntas feitas neste sentido por alguns colegas nossos levaram-nos a estudar o problema e a propôr o seguinte para a catalogação de artigos de jornais e revistas:

RIBEIRO, Jorge

Do fonógrafo até hoje com passagem por Paris: 100 anos de gravação sonora: 1877-1977 / Jorge Ribeiro.- O Primeiro de Janeiro.- Porto, 29 Jun. 1977.- p.10

KEEN, E. Michael

La recherche documentaire en bibliothéconomie et en science de l'information: comparaison de six index de périodiques / par E. Michael Keen.- Bulletin de l'Unesco à l'intention des bibliothèques, ISSN 0304-2960.-Paris, Jan.-Fév. 1976 (vol.30, n°1).- p.28-41: 4 il.

Como se verifica pelos exemplos anteriores, os elementos descritivos distribuem-se por 4 zonas, havendo uma pontuação obrigatória para separar as várias zonas e para introduzir e identificar os elementos dentro de cada zona.

*Zonas e pontuação*

*1 Zona do título e da indicação do autor*

*1.1 Título próprio*

*1.2 Títulos paralelos precedidos de = e outros títulos precedidos de :*

*1.3 Indicação do autor precedida de /*

*2 Zona do título do jornal ou revista e da indicação do ISSN*

*2.1 Título do jornal ou da revista*

*2.2 ISSN precedido de ,*

*3 Zona destinada ao local de publicação do jornal ou da revista, à data e ao número do volume e/ou número do fascículo*

*3.1 Local de publicação*

*3.2 Data precedida de , (para jornais - dia, mês, ano; para revistas - mês, ano)*

*3.3 Número do volume ou ano e/ou número do fascículo, indicados entre ( )*

*4 Zona da indicação da paginação do artigo do jornal ou da revista e das ilustrações*

*4.1 Página ou páginas limites precedidas da abreviatura p.*

*4.2 Indicação das ilustrações precedida de : e utilizando a abreviatura *il.**

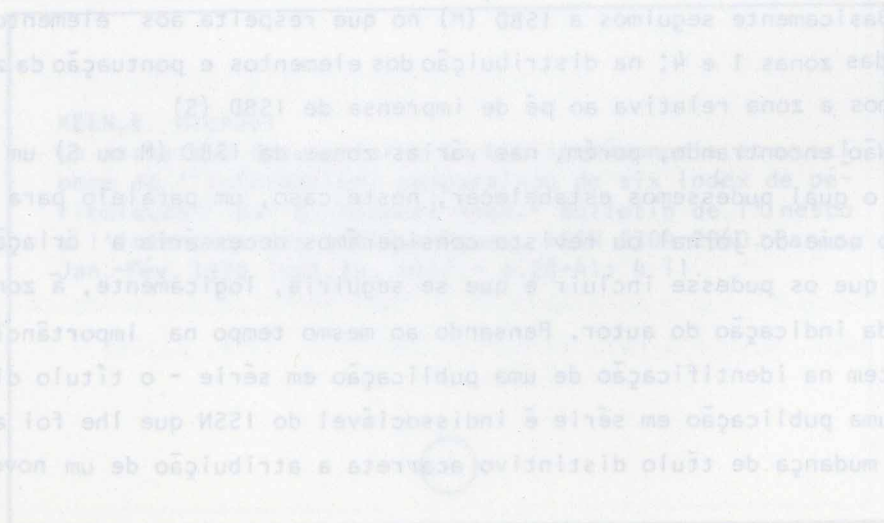
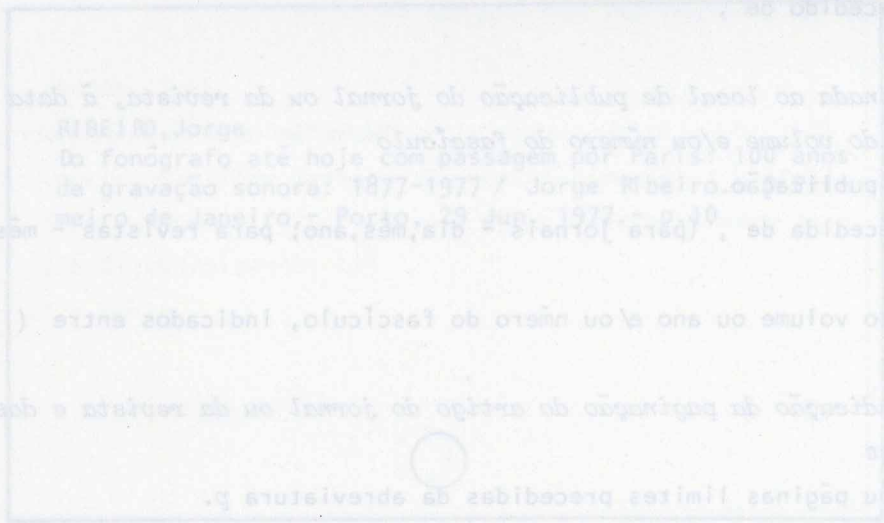
Basicamente seguimos a ISBD (M) no que respeita aos elementos e pontuação das zonas 1 e 4; na distribuição dos elementos e pontuação da zona 3, seguimos a zona relativa ao pé de imprensa de ISBD (S)

Não encontrando, porém, nas várias zonas da ISBD (M ou S) um elemento com o qual pudéssemos estabelecer, neste caso, um paralelo para a colocação do nome do jornal ou revista considerámos necessária a criação de uma zona que os pudesse incluir e que se seguiria, logicamente, à zona do título e da indicação do autor. Pensando ao mesmo tempo na importância que o ISSN tem na identificação de uma publicação em série - o título distintivo de uma publicação em série é indissociável do ISSN que lhe foi atribuído; a mudança de título distintivo acarreta a atribuição de um novo

ISSN, etc.- não achámos despropositado incluí-lo na zona 2, a seguir ao título da publicação pois, ao identificá-la sem margem para dúvidas, este número substitui, se assim se pode dizer, a especificação dos elementos prevista na zona 1 da ISBD (S).

Note-se, por fim, que ao fazer esta adaptação continuámos a ter em conta os elementos previstos na NP-405 a que acrescentámos somente a indicação do ISSN (zona 2) e das ilustrações (zona 4).

Paula Maria Fernandes Martins



P. - A ISBD contém, no seu final, normas para a catalogação de volumes separados de monografias em vários volumes, ou seja, normas para a catalogação a dois níveis.

Pergunta-se: Qual a adaptação a fazer para a *recuperação manual* dos elementos contidos no 2º nível?

R. - Começemos por recordar o que nos diz a ISBD sobre a catalogação a dos níveis: *O primeiro nível contém todos os elementos comuns a todos os volumes. O segundo nível contém todos os elementos próprios ao volume descrito.* (Fig. 1)

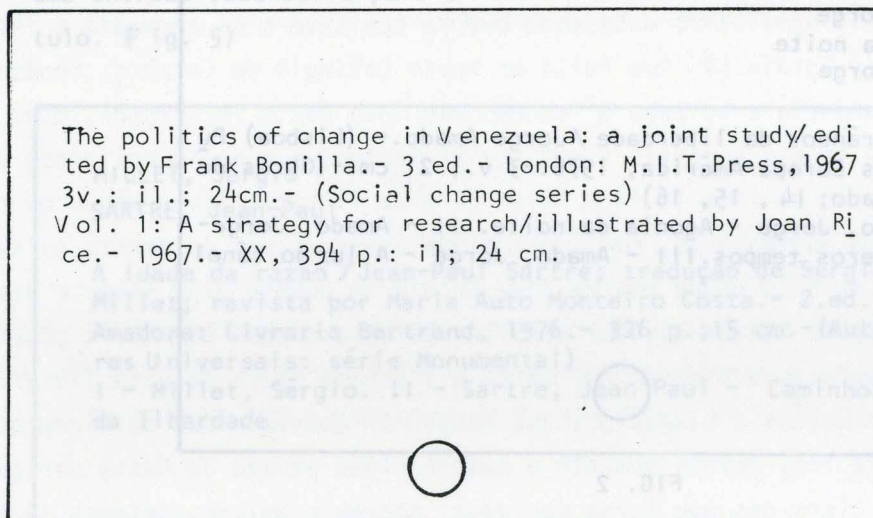


FIG. 1

Uma catalogação deste tipo apenas se torna prática numa recuperação automática por permitir a recolha dos elementos essenciais dos dois níveis a partir de um único registo.

Numa recuperação manual, tal como é praticada nos nossos catálogos convencionais, o princípio deixa de ser prático por não tornar possível a recuperação directa de qualquer elemento do 2º nível.

Haverá pois necessidade de se fazerem adaptações quando se quiser catalogar, separadamente, os vários volumes de uma obra.

A adaptação consiste em recorrer a uma simples *entrada autor-título*.

Esta entrada tanto se pode aplicar ao autor e título gerais, como

ao autor e título de cada um dos volumes da obra. Tudo depende da escolha que se fizer: catalogar a obra no seu conjunto ou catalogar cada um dos volumes separadamente.

Se nos decidirmos pela 1.<sup>a</sup> hipótese, faremos entradas secundárias autor - título para cada um dos autores e títulos dos vários volumes, registando-as, em pista, na entrada principal (Fig 2)

Se, pelo contrário, preferirmos a 2.<sup>a</sup> hipótese, então, a entrada autor-título será para o autor e título gerais (Fig. 3)

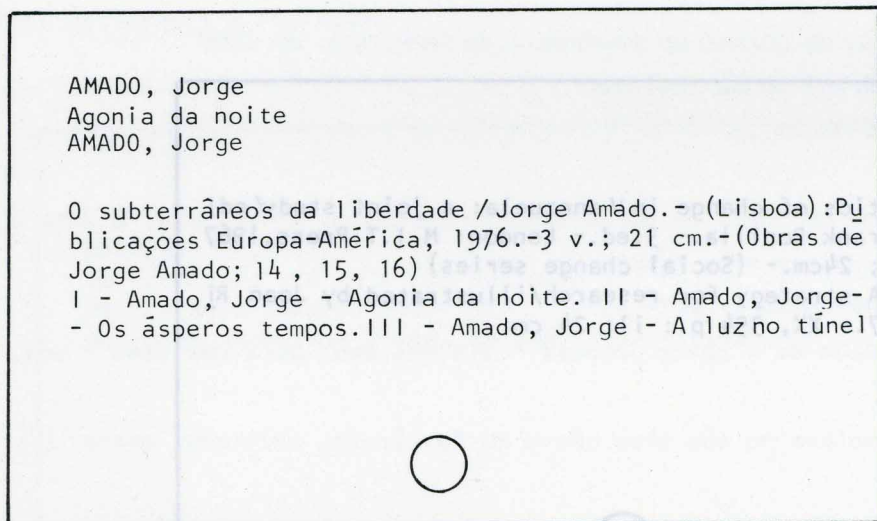


FIG. 2

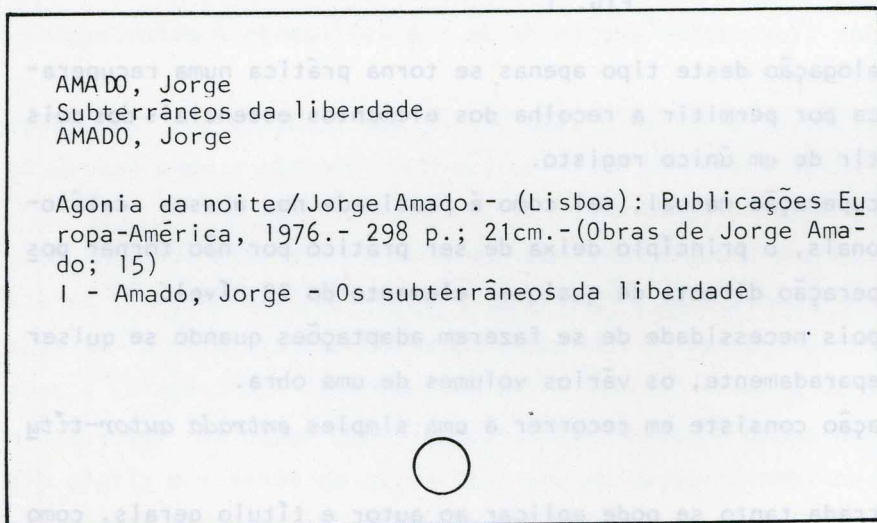


FIG. 3



Quando, no entanto, houver qualquer colaborador ligado à obra toda ou a parte dela, que mereça uma entrada secundária de autor, julgamos que, por razões de ordem prática a catalogação deverá incidir sobre a parte da obra a que ele deu a sua colaboração. Será, sem dúvida, mais fácil e mais prático fazer uma simples entrada secundária para esse colaborador, (Fig. 4) do que fazer essa mesma entrada tendo de a relacionar, em pista, com a entrada secundária autor-título referente à parte da obra em que ele colaborou, caso não se siga o critério proposto. (Fig. 5)

Por outro lado, parece pouco provável que a parte da ficha destinada aos cabeçalhos de entradas secundárias de autor possa comportar, numa ficha secundária, uma entrada autor-título e ainda, por cima desta, uma entrada secundária para o nome do colaborador desse mesmo autor-título. (Fig. 5)

MILLET, Sérgio  
 SARTRE, Jean-Paul

A idade da razão /Jean-Paul Sartre; tradução de Sérgio Millet; revista por Maria Auto Monteiro Costa.- 2.ed.- Amadora: Livraria Bertrand, 1976.- 326 p.;15 cm.-(Autores Universais: série Monumental)

I - Millet, Sérgio. II - Sartre, Jean Paul - Caminhos da liberdade

○

FIG. 4

MILLET, Sérgio  
 SARTRE, Jean-Paul

Idade da razão  
 SARTRE, Jean-Paul

Caminhos da liberdade /Jean-Paul Sartre.- 2. ed. Amadora: Livraria Bertrand, 1976-1977.- 3v.; 15cm.-(Autores Universais: série Monumental)

I - Sartre, Jean-Paul - A idade da razão. Ia)- Millet, Sérgio. II - Sartre, Jean-Paul - Com a morte na alma. IIa) - Brito, Isabel. III - Sartre, Jean-Paul-Pena suspensa. IIIa) - Petinga, Amélia

○

FIG.5

Maria Emília Raposo